

Pré-escola: contribuições e perspectivas no desenvolvimento infantil e na formação de professores.

Elineia Machado Nogueira

São Gonçalo2011Elineia Machado Nogueira

Pré- escola: contribuições e perspectivas no desenvolvimento infantil e na formação de professores

Monografia apresentada como requisito para aprovação no curso de graduação da UERJ, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, FFP, Faculdade de Formação de Professores.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Gianine Maria de Souza Pierro
São Gonçalo2011Elineia Machado Nogueira

Pré- escola: contribuições e perspectivas no desenvolvimento infantil e na formação de professores

Monografia apresentada como requisito para aprovação no curso de graduação da UERJ, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, FFP, Faculdade de Formação de Professores.

Aprovado

em _____ Banca

Examinadora _____

Prof^a. Dr^a. Gianine Maria de Souza Pierro (Orientadora)
Faculdade de Formação de Professores da UERJ

Prof^a.Dr^a.Helena Amaral da Fontoura (Parecerista)
Faculdade de Formação de Professores da UERJ

Dedicatória
**Dedico este trabalho à minha mãe
Jerônima, pela perseverança na minha educação,
desde a infância. Ao meu esposo Sérgio Murilo, que
compartilhou sua sabedoria e me ajudou a tornar este
sonho realidade.**São Gonçalo2011

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus pela luz e proteção nestes anos. Sem Ele nada do que sou e tenho seria possível. À minha querida mãe Jerônima, pela firmeza de seus propósitos, orações e por compreender as minhas ausências. A todos os meus irmãos e familiares pelas contribuições neste processo, iniciado na minha infância.

Ao meu esposo Sergio, meu incentivador, por não ter medido esforços para me ajudar nos momentos mais difíceis. Estando longe ou perto, você foi fundamental! Agradeço à família Assis (Irmã, cunhado e sobrinhos), por me acolherem em sua casa para, que eu pudesse concluir os estudos. Às amigas Tatiana e Taisi pelo carinho, paciência, por todos os momentos compartilhados, alguns de e sorrisos outros de lagrimas, mas ambos nos possibilitaram aprendizado. Obrigada as amigas Jocilene e Leandra por contribuírem com este trabalho. Estamos juntas! À amiga Lúcia por permitir realização dos meus trabalhos na escola.

Obrigada as professoras Dr^a. Helena Fontoura e D^a. Gianine Pierro, pelas oportunidades vivenciadas através deste espaço acadêmico.

Agradeço a minha orientadora Gianine Pierro, pela generosidade intelectual, incentivo e pela paciência.

A todos, o meu carinho e admiração!

“A esperança é o incentivo que Deus pôs no coração dos homens para não desistirem da sua caminhada.”

Júlia Vehuiah

RESUMO

Este trabalho pretende tratar das contribuições da educação infantil no desenvolvimento do aprendizado. Tem como objetivo refletir sobre o desenvolvimento de crianças que não freqüentaram a pré-escola e a influencia disso em seu aprendizado. Para realizar a pesquisa utilizamos como base referenciais teóricos sobre o tema e pesquisa de campo na rede municipal de ensino de São Gonçalo. Os participantes da pesquisa foram professores de escola publica e também particular deste município. A monografia esta dividida em três capítulos nos quais apresentamos o histórico da infância, a partir do sec. XI e as mudanças ocorridas até os dias de hoje. Falamos sobre os objetivos da educação infantil para a criança e abordamos a importância do lúdico na formação do professor da infância. Como resultado deste trabalho destaca-se a importância da pré-escola, não somente no sentido de favorecer o desenvolvimento do publico infantil, mas também de oferecer respaldo ao núcleo familiar já que, a obrigatoriedade em suprir as necessidades econômicas faz com que a sociedade busque cada vez mais, apoio neste espaço educativo.

Palavras - chave: Infância - Educação Infantil - Desenvolvimento - Aprendizado - Formação.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
TULO I – INFÂNCIA: UM PASSEIO PELA HISTÓRIA	141.1) A
DESCOBERTA DA INFANCIA.....	141.2)
RECONHECIMENTO E OS SENTIMENTOS DE INFANCIA.....	151.3)
CONCEPÇÕES E MOVIMENTOS FAVORÁVEIS A INFANCIA.....	181.4)
INFANCIA E ESCOLA	
.....	24
CAPITULO II - EDUCAÇÃO	
INFANTIL: desenvolvimento, saberes e	
conhecimentos	262.1)
CONSTRUÇÃO E OBJETIVOS DA PRÉ-ESCOLA.....	272.2) AS
QUESTÕES PEDAGÓGICAS NA PRÉ - ESCOLA.....	282.3)
IDENTIDADE NA PRÉ-ESCOLA: CONFRONTANDO NOVOS	
UNIVERSOS.....	29 2.4)
ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS PARA O CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO	
INFANTIL.....	302.5)
TRABALHO DE CAMPO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	35
CAPITULO III - EDUCAÇÃO INFANTIL E POLITICA DE FORMAÇÃO DE	
PROFESSORES.	403.1)
CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO INFANTIL NA POLITICA DE FORMAÇÃO	
DE PROFESSORES.....	41
3.2) BRINCADEIRAS, CONHECIMENTOS E A DIMENSÃO	
SOCIAL....	43
Considerações	
Finais.....	46
Referencias bibliográficas.....	49

CATALOGAÇÃO NA FONTE UERJ/REDE SIRIUS/CEH/D

N778 Nogueira, Elineia Machado. Pré-escola : contribuições e perspectivas no desenvolvimento infantil e na formação de professores / Elineia Machado Nogueira – 2011. 50f.

Orientador: Gianine Maria de Souza Pierro.
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Educação de crianças. 2. Crianças – Desenvolvimento. 3. Professores - Formação. I. Pierro, Gianine Maria de Souza. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, Departamento de Educação.

CDU 372

INTRODUÇÃO

A pré- escola ocupa hoje um espaço fundamental na formação dos valores da criança. Durante muitos anos estudiosos buscaram o reconhecimento deste seguimento para o desenvolvimento infantil. Isso trouxe à tona vários questionamentos a respeito da Educação Infantil, na construção da criança no contexto sócio cultural, na sua afetividade e cognição, pois estes aspectos formam e complementam o desenvolvimento infantil. Ao relatar minhas experiências como aluna, resgato aqui algumas memórias da minha infância escolar. No entanto como na época este seguimento não se estendia a todas as crianças, não freqüentei a pré-escola, fato este que colabora com o meu interesse em investigar a importância da pré-escola no desenvolvimento infantil. Em 1977 iniciava minha trajetória escolar. Eu estava com sete anos. O local era Cachoeiras de Macacu, na Escola Estadual Sete de Setembro, a qual tinha apenas duas salas divididas para a 1ª e 2ª séries, de manhã e 3ª e 4ª a tarde. Embora eu já estivesse com sete anos, tudo era novidade, pois era um universo diferente onde dava os primeiros passos rumo ao conhecimento escolar. Naquela época, não existia a pré-escola próximo da minha casa, mas fui para escola sabendo ler e escrever por que estudava com minha irmã. Durante a fase escolar situações marcaram a relação entre ensino aprendizagem, uma delas foi com a primeira professora que estabelecia uma relação hostil com os alunos. Não havia por parte dela uma aproximação conosco tanto que sua prática de ensino ocorria em ações autoritárias, o que impedia uma relação de afetividade com os alunos. O modelo tradicional de educação apresentado nos deixava cada vez mais distantes do professor e, para a criança que chega pela primeira vez a escola pode desencadear uma variedade de sentimentos que frustram suas expectativas em relacionados à escola. Por outro lado, a criança acolhida e

inserida no espaço da escola, não como uma simples figura que compõem a paisagem escolar, mas como sujeito participante das e nas ações propostas naquele ambiente tem maiores possibilidades de se desenvolver, tendo autonomia, boa expressividade oral e corporal enriquecendo também, os aspectos favoráveis ao seu amadurecimento intelectual

De acordo com Rainha (2006), as interações que ocorrem no contexto escolar são marcadas pela afetividade em todos os seus aspectos. Sendo assim, não cabe à escola apenas a função de ensinar conteúdos. Seu papel vai muito além disso, envolve uma relação entre os aspectos cognitivos e afetivos. Os afetos são demonstrados em várias situações, envolvendo toque e aconchego, valorização pessoal da criança, incluindo a necessidade de ser ouvida e admirada e o cuidado com suas necessidades físicas.

Em todo ensino primário houve momentos de alegrias marcados pelas amizades que permanecem até hoje e que perpassaram gerações, pois os filhos desses amigos hoje são amigos dos meus sobrinhos. As relações de amizade, construídas nesta fase da vida colaboram para a aquisição de valores que podem servir para toda a vida.

Com o passar dos anos, aspectos negativos e positivos fizeram parte da minha trajetória, a minha dificuldade em aprender matemática e ainda ter de resolver exercícios no quadro, as diversas vezes precisei me afastar da escola, por questões financeiras, porque ingressar no ginásio demandava gastos com transportes e materiais didáticos pedidos pela instituição. As dificuldades surgiram, mas, o meu empenho e o apoio da família foram fundamentais para que eu me mantivesse na escola. Iniciei o ensino médio, na época ainda, Segundo grau, no colégio Prof^o. Carlos Brandão, no curso Normal na cidade de Cachoeiras de Macacu. Desde então, me identifiquei com a profissão docente. No entanto, não pude concluí-lo na época, devido ao alto custo do transporte, que me impossibilitou temporariamente, de dar continuidade aos estudos.

Após ficar alguns anos distante da escola, tive a oportunidade de vir morar em São Gonçalo, com uma de minhas irmãs. Mas tive dificuldades em encontrar vaga no curso normal, sendo assim, optei por estudar no Curso de Formação Geral, no Colégio Trazilbo Filgueiras no Jardim Catarina, onde concluí o ensino médio em 1993. Desse período até chegar à faculdade,

se passaram dez anos, para que eu pudesse alcançar meu objetivo, com a graduação em Pedagogia. Mas, sei que isso não basta, pois o conhecimento é um processo contínuo que precisa ser reciclado para acompanhar as transformações ocorridas no mundo.

Hoje estar na faculdade ampliou minha percepção sobre as questões que envolvem a infância. Embora tenha havido muitos movimentos que favoreceram a criança em seu aprendizado, muitas pessoas ainda questionam sobre os processos educativos que a pré-escola desenvolve e principalmente, sobre a formação de professores, em nível superior para trabalhar com a infância. Isso ainda é reflexo tanto da desvalorização da imagem sobre a criança quanto às suas capacidades, como do pouco valor dedicado ao professor, do ponto de vista profissional.

Percebo que o primeiro momento escolar é o marco no processo de construção de respeito, afetividade, das relações de convívio e atitudes sociais que impulsionam o desenvolvimento da criança de forma satisfatória. Esses fatores dependerão principalmente da atuação do professor, mediante as situações vivenciadas pela criança na escola, onde estão distantes da família e, portanto, mais vulneráveis a todas as descobertas que influenciarão as suas ações na vida. Devemos pensar na figura do professor como mediador das experiências vivenciadas. Durante os processos educativos, um simples gesto do professor pode influenciar na vida do aluno, tanto no aspecto positivo como no negativo. Um simples olhar, um sorriso, um afago pode interferir significativamente na vida do aluno, nos momentos em que ele permanece na escola. O professor tem a capacidade de transformar sentimentos. Mas, por outro lado, sua hostilidade pode acarretar sentimentos de reprovação sobre ele mesmo. Sobre esse assunto, Freire (1999) comenta:

“Às vezes mal se imagina o que pode causar na vida do aluno um simples gesto do professor. Um gesto aparentemente insignificante pode valer como força formadora ou como construção do educando por si mesmo.” (p.47).

Minha opção pelo assunto surgiu a partir de questionamentos meus sobre o meu desempenho em determinadas situações de aprendizado. Muito embora eu tenha conseguido superar os percalços que envolveram meu

desenvolvimento escolar, ainda assim algumas dificuldades são recorrentes. Essa problemática despertou meu interesse pelo tema levando em consideração o fato de não ter freqüentado a pré-escola. Durante os estudos, percebi que essas dúvidas não são somente minhas, mas também, de outras pessoas participantes da pesquisa. E, no decorrer dos processos de observação, leituras e experiências, compreendi a importância da educação infantil no desenvolvimento do aprendizado.

CAPITULO I

INFÂNCIA: um passeio pela história

Iniciaremos este capítulo, fazendo uma abordagem sobre a história da infância na Europa e as evoluções para o seu reconhecimento, a partir da Idade Média. Como apresentado anteriormente, as informações a respeito da criança, naquele período, revelaram que não havia distinção entre a criança e o adulto, deixando clara a inexistência da infância e do sentimento de afeição diferenciado ou específico em relação a ela.

1- A descoberta da infância

No percurso da história ocidental a infância passa por diferentes visões e contextos. Nas palavras de Ariès (2006), a figura da criança foi idealizada pelos gregos através de suas obras de arte e pinturas, porém, as figuras infantis apresentadas não despertavam interesse por que não representavam a

realidade. Por volta do séc. XII o mundo não reconhecia a infância como uma fase da vida humana, desta forma a criança era vista como adulto em miniatura até mesmo nas representações bíblicas.

Já no decorrer do séc. XIII surgiram as primeiras imagens de criança com característica mais próximas da representação moderna. Eram pequenas crianças com aparência de anjo, educadas para ajudar nas missas. Segundo a pesquisa de Aries (2006), as telas representavam a infância dividida em três tipos: o primeiro com imagens angelicais e aparência adolescente; o segundo representava a figura de Jesus Cristo no colo de Maria, porém com aspecto de adulto e o terceiro tipo revelava-se na iconografia bíblica denominada a fase "gótica", onde as crianças apareciam despidas.

Na evolução entre os séc. XV e XVI, a imagem religiosa de infância colocava a criança como personagem principal nas pinturas e fotografias de época. Importa destacar, que o mundo infantil era tão insignificante, que não valia a pena ser lembrado nem após a morte - lembrando que nível de mortalidade infantil do séc. XIII ao séc. XVII era muito alto, devido às condições demográficas e à falta de higiene e cuidados com a saúde. Esta situação começou a fazer parte das atenções e preocupações dos órgãos competentes e da sociedade em geral a partir do séc. XIX, com ações voltadas para o controle da natalidade e da vacinação contra a rubéola.

Compreende-se, portanto, que o séc. XIII foi o marco da descoberta da infância, mas ainda seria preciso grandes mudanças de pensamento e políticas quanto à valorização da infância que ocorreria somente nos séc. XVI e XVII. (Aries, 2006)

1.2- Reconhecimento e os sentimentos de infância

A origem da palavra *infância* vem do Latim formada pelo prefixo *in* =(negação) e *fans* =(falante). Logo se entende o significado: *aquele que não fala*. (Souza, 2009). Esta é a visão que se tinha da criança no séc. XV, ela estava inserida no mundo dos adultos como um ser manipulável e não como participante da sociedade com capacidade de expressar opiniões e mostrar suas potencialidades. Porém, aquela concepção de infância, vem sendo transformada por educadores e pesquisadores interessados em defender os direitos da criança no contexto social.

Nesse sentido, com base nos estudos de ARIÈS (2006), assim que a criança deixava de depender dos cuidados da mãe ou das amas, ela era

envolvida no mundo dos adultos de onde também faziam parte jovens adolescentes. Nestes ambientes, ela participava de todas as atividades inerentes aos adultos como jogos e brincadeiras, além de ser preparada para o trabalho e comprometida para o matrimônio ainda bem pequena. A

partir do século XV iniciaram-se os movimentos nas camadas superiores da sociedade no qual a criança começava a se distinguir dos adultos, sobretudo, os meninos, pois, a aparência e os trajes tornavam-se importantes na sociedade burguesa, que exigia boa apresentação para o exercício de qualquer atividade no meio social. No período correspondente ao séc.XVI

surgia uma nova atitude na sociedade, quanto ao modo de ver a infância. Considerada agora como fonte de distração dos adultos, despertava o sentimento de afetividade originado principalmente do meio familiar. Esse sentimento, criticado por muitos moralistas, era visto como *paparicação*, o qual Ariès (2006), diz ser próprio do gênero feminino, isso por que o pequeno ser dependia das mulheres para ensiná-lo, ao mesmo tempo em que, as mesmas se divertiam com suas encantadoras expressões. Entretanto, o

sentimento de “paparicação”, dedicado às crianças, começou a ser repudiado por moralistas e educadores do séc.XVII por considerarem inaceitável o amor dedicado a elas, muito menos, acharem graça em suas travessuras. Trago, o exemplo de Montaigne, explicitado por Áries (2006):

“Não posso conceber essa paixão que faz com que as pessoas beijem crianças recém-nascidas, que não têm ainda movimento na alma, nem forma reconhecível que possam torná-las amáveis, e nunca permiti de boa vontade que elas fossem amamentadas na minha frente”. (p.101)

Desde então, o sentimento de carinho passou ser abandonado pela burguesia por influência dos moralistas, mas permaneceu na classe pobre, onde as crianças eram consideradas mal educadas, pois, seus pais se submetiam às suas vontades.

No século XVII, outro conceito de infância desponta entre os moralistas e educadores. É o interesse pelo aspecto moral e psicológico da criança. Para Áries (2006) não mais convinha aos adultos se submeterem ao sentimento desprezível dedicado à infância, pois este erro deveria permanecer no passado. Então, prevalecia naquele momento a preocupação com métodos educacionais visando à transformação da criança em seres honrados e racionais. Aqui no Brasil, no dizer de Olbertz

(2009), a atenção com infância se deu neste mesmo período. Inicialmente caracterizada pela construção das Rodas dos Expostos na Santa Casa de Misericórdia, no Rio de Janeiro, para onde eram encaminhadas as crianças nascidas enjeitadas pelas famílias ou com alguma moléstia. O mesmo cuidado pode ser observado nas cidades de Porto Alegre e São Paulo onde as demais foram construídas. As más condições de higiene e nutrição a que eram submetidas, fez com que essas 'Rodas' fossem extintas. Isso aconteceu somente entre os anos de 1938 e 1950.

Explicitamos, de início, os dois sentimentos de infância existentes na idade medieval e que evoluíram para um sentimento mais próximo ao da Idade Moderna. O primeiro foi a afetividade vista como "paparicação" advinda do seio familiar, no século XVI, época em que a criança era excluída do meio social. O segundo sentimento de infância enfatizava a disciplina e a racionalidade dos costumes, prevendo a formação social e moral da criança, pelos moralistas do século XVII. Vemos crescer essa perspectiva no século XVIII, com a união desses dois sentimentos, associados aos cuidados com a higiene e a saúde física, desta vez estabelecida no contexto familiar. (Ariès, 2006).

Mas podemos observar que no processo histórico que envolve o sentimento e o reconhecimento da infância nem todas as crianças foram contempladas de forma igualitária. Ocorreu que, pensava-se na criança apenas em seu aspecto biológico, mas era preciso também observar particularidades nas diferenças sociais, de gênero e raça, importantes na análise desse processo.

1.3- Concepções e movimentos favoráveis à infância

A visão indefinida da criança acarretou conseqüências negativas na socialização, na constituição de conhecimentos e na construção de valores, fundamentais para o desenvolvimento da primeira infância. Ujiie (2007) e Kramer (1995) compartilham a idéia de que a infância não é homogênea dadas as diferenças na organização familiar, econômica e sócio-cultural onde cada criança está inserida. Nesse caso é preciso considerar também que os papéis desempenhados por elas variam de acordo com a organização da sociedade em tempo e espaço distintos, de onde cada uma trás consigo experiências diversas que devem ser compartilhadas e respeitadas no contexto social. Ao serem analisadas propostas educacionais para a infância, inicialmente

prevendo uma educação pública universal e que atendesse às necessidades da sociedade infantil, ficou estabelecido que nenhuma distinção fosse feita. Entretanto, as oportunidades oferecidas favoreciam muito mais às classes economicamente superiores, pois elas tinham melhor acesso ao ensino oferecido pela esfera pública. Dessa forma, acentuava-se o nível de desigualdade na educação escolar básica, como percebemos, ainda hoje, em nossa sociedade. De acordo com Pierro (2010), todos os movimentos surgidos em prol da educação infantil, entre os séculos XIII e XVII, envolveram mobilizações políticas, econômicas e sociais, preconizados pela revolução burguesa. Tais movimentos ocorreram na Inglaterra com a Revolução Industrial e na França com a Revolução Francesa, desfavorecendo o feudalismo e ascendendo o sistema capitalista. Entretanto, no Brasil dos anos 40, a legislação trouxe discussões em torno da educação, mas suas propostas não se estenderam à infância. Mais uma vez, reafirmou-se a exclusão de menores de seis anos, ficando a criança à margem da sociedade da qual ela, por direito, fazia parte.

Com o intuito de que o ensino atingisse a todas as classes, com o propósito de empregar uma nova dinâmica nos modelos educacionais vigentes, que beneficiasse principalmente à classe infantil, novos estudiosos surgiram com propostas inovadoras para a educação.

Nessa perspectiva sobre os estudos da educação e da infância, destacamos em primeiro lugar a figura de João Amós Comênius (1592- 1670), precursor da Psicologia Genética, que compreendeu o desenvolvimento humano em quatro estágios: infância, adolescência, juventude e maturidade, dedicando especial atenção à infância, o princípio de tudo. Deixou em sua obra: “Didática Magna”, uma proposta de educação baseada em recursos audiovisuais, como o mais eficaz nos processos de aprendizagens.

Comênius também chamou atenção para o fato de que tudo o que era para ser ensinado, deveria ser mostrado. Além disso, acentuava a importância de ensinar uma coisa de cada vez, explicando a utilidade específica e as diferenças do objeto de estudo para facilitar a compreensão pelo aluno. Para o autor, o aprendizado das coisas, através dos cinco sentidos, deveria anteceder ao da palavra. (CARNEIRO, 2003).

Destacando o entendimento de Pierro (2010), quanto ao pensamento de Comênios, “há necessidade de enxergar a infância como um período distinto, com características peculiares, que precisam ser estudadas e respeitadas” (p. 39). Para a autora a contribuição de Jean Jacques Rousseau (1712-1772), deu início a novos seguidores com renovações pedagógicas baseadas em suas teorias, dentre os quais estão Johann Heinrich Pestalozzi (1749-1827), propondo uma educação intuitiva com aquisição de conhecimentos através de métodos naturais. Nesta perspectiva a criança aprende melhor em contato com o meio ambiente, dando margem ao aprendizado pelos sentidos naturais. Esta foi uma das grandes contribuições do autor para as áreas de Psicologia e Educação no séc. XIX.

Acompanhando a seqüência temporal, as teorias de Friedrich Fröebel (1782-1852), propõem ensinamentos baseados no amor à criança e à natureza. De acordo com essa concepção, podemos compreender uma educação pautada na afetividade no e amor ao ser humano. Nessa perspectiva, Fröebel criou, na Alemanha em 1837, os “jardins de infância”. Depois disso, todos os estabelecimentos voltados para a criança deveriam assim ser denominados. O educador enfatizou também a importância do brinquedo para o desenvolvimento infantil, porém, ao contrário do que ainda hoje se pensa, o jardim de infância não é o lugar onde apenas se brinca. Lá são desenvolvidos aspectos fundamentais do comportamento educacional, psicológico e social da criança.

Em Ovide Decroly (1871-1932), Pierro (2010), destaca a importância das atividades individuais e coletivas da criança. Ele contribuiu para as mudanças ocorridas no sistema escolar, propondo métodos que se antepunham à escola tradicional. As metodologias se baseavam nos centros de interesses valorizando o cotidiano e respeitando o ritmo de desenvolvimento. O aprendizado então, se fará mediante observação, associação e atitudes.

Outro teórico da infância que influenciou nas transformações da escola tradicional para a Nova Escola foi John Dewey (1859-1952). Em seu pensamento o aprendizado é favorecido quando da atividade prática, com o objeto de ensino, tanto dentro quanto fora do espaço escolar. Com esta técnica ele tornou-se pioneiro na idealização dos processos de aprendizado através de projetos que contribuíram para o avanço nos

modelos didáticos da educação infantil. Para Dewey, o conhecimento não deve ser atributo somente do professor, o aluno também é potencialmente capaz de obtê-lo, por si mesmo com a orientação do educador.

Mais uma importante contribuição para a visão educacional do séc. XIX veio através do método criado por Maria Montessori (1870-1952). A metodologia de ensino elaborada por ela propunha a educação escolar a partir da experimentação, preparando a criança para a vida prática. Nas práticas de formação do curso de Pedagogia na FFP, pude conhecer uma escola em Niterói que trabalha com o método montessoriano. A utilização desse método não é freqüente em escolas do sistema comum de ensino, haja vista a necessidade da formação profissional especializada para trabalharem com o mesmo.

A participação de Celestin Freinet (1896-1966), ao desenvolver metodologia com a prática de ensino, por meio de leitura de textos, aulas passeio, textos livres e livre expressão trouxe contribuições expressivas para a educação infantil. As atividades deveriam partir de um contexto que tivesse algum significado, onde o aluno pudesse participar do processo de construção do conhecimento. Para o autor o aprendizado só faria sentido se instigasse o aluno a buscar, a pesquisar sobre o objeto a ser conhecido, de maneira que o aprender acontecesse de forma prática e, portanto satisfatória.

Dentre os teóricos que despontaram falando sobre a educação infantil, encontram-se também Jean Piaget (1896-1980) e Lev Semenovich Vygotsky (1896-1934), com as mais recentes contribuições para a educação, a partir do séc. XX.

Piaget baseou suas investigações a respeito da construção do conhecimento sob os aspectos social, biológico afetivo e intelectual criou a epistemologia genética e, segundo suas teorias, o conhecimento muda de acordo com as fases da vida humana, dando ênfase ao desenvolvimento mental da criança. Como descreve Piaget (1988), *“a infância representa uma etapa biologicamente útil, cujo significado é de uma adaptação progressiva ao meio físico e social. Essa adaptação se constituirá em um equilíbrio em que a interação entre sujeito e objeto, permita que o primeiro se incorpore ao segundo (processo de assimilação), considerando o nível de complexidades (acomodação).”* (PIAGET apud HENRIQUES, 2006 p.112). Desta forma,

ocorre o processo de aprendizado: a cada nova descoberta o organismo entra em desequilíbrio, se adapta, assimila o objeto para finalmente, desvendá-lo.

Já, Vygotsky (1983), focou seus estudos nos campos psicológico, antropológico e biológico do ser humano. Com especial atenção à infância e ao aprendizado, este autor afirma que os processos de aprendizado ocorrem através das interações sociais dos indivíduos. Partindo deste raciocínio, entendemos que a criança já nasce num ambiente social específico e aprende no cotidiano. Ao ter acesso à escola, compartilha experiências e absorve novos saberes, sendo estes, científicos ou do senso comum. Vygotsky foi o criador do conceito de 'Zona de Desenvolvimento Proximal', de acordo com a qual, algo que a criança realiza hoje, auxiliada por alguém, será capaz de fazer sozinha amanhã.

Na sociedade diversas mobilizações também se fazem presentes da parte de órgãos assistenciais voltados para a infância dentre os quais: Departamento Nacional da Criança (1940), FUNABEM (1941), LBA (1942), UNICEF (1946) e UNESCO, as duas últimas de cunho internacional e motivadoras da elaboração de políticas para a educação e a infância. A partir da década de 60 e meados dos anos 70, a influência dessas instituições ainda era marcante e provocou uma evolução nas políticas para as áreas educacionais de saúde, assistência e previdência social focada na infância. Entretanto, os resultados educacionais analisados após este período, revelaram uma acentuada evasão e repetência das camadas mais pobres da sociedade, em nível de primeiro grau. Diante deste episódio, houve a intenção de suprir as necessidades das crianças de quatro a seis anos criando para essa função a Pré-escola. Caberia à pré-escola a responsabilidade de oferecer assistência cultural necessária para garantir à criança condições de acesso ao sistema escolar já que, tais conhecimentos não puderam ser transmitidos pelo núcleo familiar, razão pela qual se verificou o mau desempenho na escola básica. Como explica Pierro:

“A noção de educação compensatória está relacionada à questão das desigualdades sociais, responsabilizando as famílias pobres por não oferecerem condições para o bom desenvolvimento escolar dos seus filhos. A estas crianças faltavam requisitos básicos que não foram transmitidos por seu meio social, necessários para garantir o sucesso escolar. É nesse contexto que se formaliza a função

proposta para a pré-escola: suprir essas carências”. (PIERRO, 2010, p.45)

Não se pode neste caso, culpar as famílias pelos resultados obtidos na avaliação desses alunos, visto que nem mesmo elas tiveram condições de acesso à educação escolar, uma vez que, viviam em função do trabalho para a subsistência.

Coelho (2007) nos fala que a infância como construção social é definida pela participação da criança em atividades sócio-culturais. Não querendo com isso dizer que suas ações culturais sejam de caráter único sem representação no mundo externo, ao contrário, elas contribuem para reproduzir e transformar a sociedade adulta. Ela acentua que a produção e a participação cultural infantil, não apenas absorvem os valores da sociedade, mas também, possibilitam a sua transformação.

A institucionalização do ensino pré-escolar não descartou o aspecto assistencialista predominante neste segmento da educação, pois, na visão de Pierro (2010), não foi estabelecida uma política educacional direcionada à pré-escola, o que comprometeu o caráter formal dessas ações representado pela falta de profissionais qualificados para desenvolver um trabalho pedagógico de qualidade, já que a mão-de-obra era feita por voluntários despreparados para trabalharem com a infância na década de 70.

Ainda nesse período, a educação infantil, não contava com um órgão público que se responsabilizasse por sua gestão e por uma política que suprisse suas necessidades. Por causa disso, cresceu o número de creches particulares que se utilizavam de recursos públicos para desenvolverem suas atividades educativas. Por outro lado, educadores e sociedade civil se mobilizaram em prol da elaboração de uma política educacional voltada para a educação infantil, reafirmando a necessidade de reconhecer a pré-escola como princípio básico para o sistema de ensino. Foi assim que, a partir da Constituição de 1988, a educação infantil foi integrada ao sistema básico educacional.

Toda a organização estrutural para a educação da infância no Brasil, baseou-se no ensino europeu do séc. XIX na qual se previa uma escola que assistisse os filhos de trabalhadores pobres seguindo os princípios

educacionais propostos por Fröebel(1782-1852) com a criação dos “jardins de infância” em 1837. Oficialmente, a educação infantil foi definida em duas fases: creche e pré-escola onde, na creche, prestava-se um atendimento em que se cuidava da segurança física, alimentação e higiene da criança. Além disso, para essa modalidade a criança deveria ter idade de 0 a 3 anos. Enquanto isso, na pré-escola previa-se uma concepção pedagógica com a contratação de profissionais qualificados para atuarem, objetivando desenvolver a expressão da linguagem, artes e a socialização da criança na faixa etária entre 4 e 6 anos. Os movimentos em favor da regulamentação da infância despertaram interesse de órgãos que garantissem os direitos da criança ao bem estar social. São desta forma destacados: Movimento Nacional Criança e Constituinte (MNCC); Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA); Secretaria de Educação Básica (SEB); Coordenação Geral de Educação Infantil (Coed/ MEC); Secretaria Municipal de Educação (SME); Conselho Tutelar (CT).

Depois de estabelecidas, estas instituições determinaram os principais benefícios para a infância no Brasil, a educação infantil passa a ser um direito da criança, caracteriza-se pelo atendimento a crianças de 0 a 6 anos. Os municípios são responsáveis pela educação infantil e ensino fundamental e a Creche e Pré-escola são reconhecidas como instituição educacional

1.4- Infância e escola Como nos mostra Ariès (2006), a construção da escola teve o intuito de favorecer a classe nobre da sociedade. Assim, o autor aponta dois fenômenos ocorridos nos séculos XVII e XVIII, marcando a história escolar da infância, onde no primeiro, os grupos infantis eram divididos por faixas etárias de 5-7 e 10-11 anos, como prioridade para o acesso ao ensino, e no segundo fenômeno, a diferença sócio-econômica determinava o tipo de ensino direcionado a cada classe social. Porém, observamos a criação de pequenas instituições escolares, que visavam o favorecimento de uma classe em detrimento de outra, rumo ao crescimento cultural, dividindo, uma escola para o povo e outra para a burguesia. Observa-

se aqui, a exclusão dos grupos com idade inferior a cinco anos, o que nos dá a noção da falta de interesse pela educação escolar das crianças menores. Fato compreendido bem mais tarde, com a idealização do jardim de infância, que mais adiante, evoluiria para as instituições pré-escolares. Ao trazer as concepções e movimentos sobre a infância destacamos o caráter dinâmico pelo qual esta etapa da vida humana vem passando. Sabemos que embora algumas mudanças tenham ocorrido durante esses últimos anos, muitos aspectos precisam ser melhorados para o atendimento a essa fase da vida. Pois ainda hoje, nos deparamos com situações de infância, que nos trazem a memória a ameaça da falta de valor e respeito à criança.

CAPITULO II

EDUCAÇÃO INFANTIL: identidade, saberes e conhecimentos

2.1- Construção e objetivos da pré - escola

Os estudos direcionados a evolução do conhecimento nos revelam uma proposta educacional moldada em critérios assistencialista, dentro do qual pouco se considerava o caráter educativo da pré-escola, pois se enfatizava o cuidado físico e higiênico. Tais propostas tornavam as duas concepções - cuidar e educar, como algo distinto ou inviável. No entanto, autores como Didonet (1982), citado pelo MEC (1982), trazem em suas contribuições teóricas as perspectivas de uma educação infantil com foco na formação ampla do desenvolvimento, em que não se valorize apenas aspectos físicos, mas que venha colaborar com crescimento global da criança, que é o foco principal desse processo. Prosseguindo a discussão, Cerisara (1995), vem nos

falar da necessidade de vontade política e empenho dos educadores, em prol de uma educação que atenda satisfatoriamente as crianças de 4 a 6 anos. Segundo a autora, a elaboração de projetos para a infância escolar deve estar centrada no interesse da mesma, observando se o contexto socioeconômico em que ela vive.

De acordo com o MEC (1982), a função da educação na pré- escola é comprometer-se com o desenvolvimento da criança de forma ampla. Neste contexto, estão envolvidos todos os aspectos da pessoa humana sem que sejam explorados, de maneira exagerada quaisquer deles em detrimento de outros. Dentre eles se destacam: o desenvolvimento do corpo físico mente afetividade, consciência, moral e socialização. Durante a fase pré-escolar a criança já é capaz de ter uma percepção de mundo que se reforça gradativamente, de maneira integral. A partir daí, os estímulos para o despertar da cognição devem ser cada vez mais freqüentes.

Na visão de Didonet, (1982), apud MEC (1982), a inteligência necessita de estímulos para que se despertem a curiosidade e o interesse em manipular objetos e ambientes diversos ao seu redor como identificação e reconhecimento de cores e formas, movimentos etc., e na compreensão de que a criança vive em uma sociedade familiar antes de chegar à escola é preciso que sua personalidade, já formada na integração familiar, seja aprimorada na escola.

Traduz-se nessa perspectiva a idéia de que a criança deve ser estimulada assim como uma planta que precisa de água para se desenvolver. Contudo, caso haja atraso para o início do atendimento escolar, no momento da vida em que a criança começa a despertar interesse pelo que está ao seu redor, o seu desenvolvimento poderá, em algum aspecto, sofrer um desequilíbrio. Sendo assim:

“O objetivo da educação pré-escolar é o desenvolvimento global e harmônico da criança. Global, por que envolve os aspectos humanos como corpo, mente afetividade e consciência. Harmônico, por que esses aspectos devem estar em equilíbrio”. (Didonet, 1982, p.49)

De acordo com o mesmo autor, ainda depois de adulto e passar por diversas etapas educacionais, o indivíduo ainda não terá suprido as lacunas deixadas na época em que deveria ter acompanhamento adequado em sua infância. Assim, a biologia e a psicologia se preocupam com a criança em idade pré-escolar, pois consideram que nessa faixa etária são desenvolvidas funções do organismo, tanto no corpo físico, interno e externo, como nos aspectos mental, social e afetivo, fase em que ocorre a formação da personalidade humana. Nesse contexto, o sentido de educação realiza-se como um processo interno no indivíduo, pois através dos estímulos adequados ele torna-se capaz de educar-se, através de possibilidades que lhe permitam construir suas próprias experiências. Como afirma Claparède: *“A criança em lugar de ser educada, deve ser colocada em condições que lhe permitam, dentro do possível, educar-se a si mesma.* (apud MEC, 1982, p.51).

Nisto se baseia a proposta da educação infantil: ampliar as possibilidades tanto quanto possível para favorecer a aquisição do conhecimento para a criança permitindo a ela autonomia, compreensão de valores, sociabilidade e afeto para com o próximo. Ainda neste contexto, inserem-se diversas práticas sociais que permitem a interação com pessoas e ambientes diferenciados, aproximando-as do exercício da cidadania, percepção de suas limitações, compreensão e respeito de si mesmo e do outro. Ainda segundo o MEC (1982), a criança na faixa etária dos 3 aos 6 anos é capaz de aprender, de ter atitudes, desde que seja acompanhada. Porém não se pode esperar dela o comportamento de um adulto em miniatura. Ela se desenvolverá com apoio da escola e da família para alcançar seus potenciais estimulando a curiosidade que lhe permite a exploração do mundo ao redor, através de atitudes, habilidades físicas, de cooperação, comunicação e expressão além de experimentar emoções, sentimentos de respeito e entender seus significados.

2.2- As questões pedagógicas na pré-escola

Vimos, ao longo de muitos anos, que a educação infantil tem apresentado diferentes concepções educativas, sendo elas orientadas por práticas que visam compensar as carências possivelmente existentes na criança. Além disso, seu objetivo é preparar a criança para o ensino, utilizando a recreação como estímulo para o aprendizado, através do lúdico e do convívio social. Entre as décadas de 80 e 90 foram elaboradas novas propostas curriculares para crianças de quatro a seis anos, visando um tipo de educação crítica. Nessa perspectiva, o professor e o aluno seriam colocados num lugar de cidadãos, onde ambos trabalhassem em conjunto, sendo ativos e responsáveis pela transformação do contexto social. Tal proposta está inserida na Constituição de 1988, com a intenção de oferecer uma educação de qualidade a essa faixa etária. (Cerisara, 1995). A referência de educação infantil, mencionada pela autora, está relacionada à idéia de uma aprendizagem espontânea, cujas ações atendessem as individualidades da criança, com idade entre 0 e 5 anos, não com vistas ao desenvolvimento global. Além disso, as instituições voltadas para a educação infantil não mais estariam vinculadas à Secretaria de Bem Estar Social e sim à Secretaria de Educação. Em consequência, reforçava-se a necessidade de contratar educadores com formação específica para trabalhar com essa demanda. Embora, as propostas educacionais fossem bastante significativas, ainda hoje, estas práticas não foram totalmente incorporadas ao sistema educacional, considerando a falta de interesse e investimento público para favorecê-las.

2.3 - Identidade na pré-escola: confrontando novos universos

A criança tem sua identidade construída dentro do contexto familiar, no entanto, é preciso destacar outros universos sociais da qual ela participa: comunidade, igreja e a escola que agregam valores e conhecimento. Observamos em nossa sociedade grande diversidade étnica e cultural que se apresenta de acordo com cada região e isso repercute na criança, na escola e nos professores. Ao ingressar na pré-escola, a criança amplia suas possibilidades de convivência com diferentes pessoas e realidades as quais

incluem hábitos, brincadeiras etc. Nesse contexto, pressupõe-se que a instituição de ensino deve ser responsável por promover a valorização das características de cada aluno dentro da sociedade escolar. Essa sociedade pode auxiliar no desenvolvimento da criança em diferentes aspectos dentre eles: a descoberta e/ou reconhecimento da sexualidade, percebendo suas diferenças, bem como a individualidade do outro. (RCNEI, MEC 1998). Sendo reconhecida como ser social, ela quer estar próxima, interagir e aprender com outros indivíduos através de vínculos que se estabelecem. Nos processos de interação e aprendizagem entre crianças e adultos, são criados instrumentos capazes de desenvolver: auto-estima, o faz-de-conta, escolhas, imagem e cuidado, os quais possibilitam aproximação e o autoconhecimento. Entendemos que a educação infantil vai de 0 a 5 anos. Nessa faixa etária os cuidados dedicados às crianças são fundamentais, pois as estimulam a perceber o mundo e compreender de que forma ela deve agir diante dele.

Pensando nisso, trouxemos alguns dos objetivos, dispostos no Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (1998), que nos possibilitam uma melhor compreensão das diversas fases do desenvolvimento da criança na realização de tarefas que envolvem cooperação, solidariedade, respeito, valorização da cultura dentre outros valores na relação social.**2.4 - Orientações didáticas para o currículo da educação infantil** A educação infantil deve proporcionar à criança condições de crescimento e possibilitar o desenvolvimento de suas capacidades. O Referencial Curricular para a Educação Infantil (1998) enfatiza que:

"Educar significa propiciar situações de cuidado, brincadeiras e aprendizagens de forma integral, que contribuam para desenvolver as potencialidades infantis de relação interpessoal, de estar com os outros numa atitude de aceitação, respeito e confiança, e permitir a criança conhecimentos mais amplos da realidade sócio-cultural." (p. 23)

Para viabilizar essa proposta, foi elaborado um currículo específico com o objetivo de atender as necessidades dos alunos destinados a pré-escola, então a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9.394/96), através do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), apresenta orientações adequadas para essa demanda. Assim, destacamos os

principais conteúdos propostos: nome, imagem, autonomia, respeito diversidade, identidade de gênero, interação brincadeira, higiene, atividades culturais e outros.

Nome	Um dos elementos fundamentais na história de vida do indivíduo. Devido a isso sua significação feita por meio de jogos brincadeiras, pode contribuir para despertar na criança o interesse pelo próprio nome bem como, pelo seu significado. Sendo indispensável a participação familiar nesta descoberta.
Imagem	Confirma a importância da identidade. Através dela, a criança consegue distinguir a própria imagem da imagem do outro além de desenvolver uma percepção positiva de si. É um recurso ideal para que ela observe tais mudanças e o espelho associado ao uso de maquiagem, acessórios e diferentes roupas, que modifiquem sua imagem, mas não, a sua pessoa.
Autonomia	no dia a dia, influência nas escolhas. Oferecer materiais que desenvolvam a capacidade de decidir sobre algo, estando a criança sozinha ou em grupo, é uma boa alternativa, para estimular a tomada de decisões, dessa forma ela criará o senso de responsabilidade. De acordo com o RCNEI (1998) para que o professor favoreça a autonomia ele precisa compreender as particularidades dos alunos e as maneira de se relacionarem, para

	alcançarem o conhecimento
Respeito à adversidade -	Ampliar as relações sociais com aceitação das diferenças. Este aspecto deve estar sempre presente nos processos educacionais, valorizar o respeito, por meio do diálogo, sobre gênero, credo, etnia diferenças de temperamento e físicas, é fator muito importante nas relações humanas.
Interação	Este aspecto exerce grande influencia durante os processos de aprendizagens. E através dele que o professor, nas diferentes situações planejara as formas de comunicação entre as crianças. Durante esses momentos, elas terão a oportunidade de se expressar e defender suas idéias sobre diversos assuntos do cotidiano individual além de disputarem brinquedos, objetos e vivenciarem conflitos que deverão ser mediados pelo professor. De acordo com RCNEI (1998) durante a mediação, o professor deve refletir sobre as situações ocorridas nesses momentos, observando de que forma as interações ocorreram e se, em sua elaboração, foram consideradas a individualidade e a possibilidade de troca de experiência entre eles.
Identidade de gênero -	Para favorecer a percepção do sexo, homem e mulher recomenda-se ao professor que estimule a criança a

	<p>compreender as diferenças, ao mesmo tempo tenha noção de igualdade entre as pessoas, desconstruindo a idéia de que homem e mulher exercem papéis delimitados, como por exemplo: menino brinca de carrinho e menina de boneca etc. Assim também deverá ser quanto às atitudes, a respeito da própria sexualidade construída a partir dos modelos observados no ambiente doméstico. Segundo o RCNEI (1998) é preciso que os profissionais da educação entendam as dificuldades das crianças em observar e desenvolver certas atitudes e valores, pois elas agem de acordo com o que vivenciam em seu núcleo familiar.</p>
<p>Jogos e Brincadeiras</p>	<p>O RCNEI (1998) propõe ao professor planejamentos de atividades que proporcionem a criança a exercitar suas possibilidades, tanto nas questões higiênicas, quanto em outras situações que exijam delas a autonomia. É importante ressaltar que, durante atividades livres a presença do professor é fundamental para alertá-la a respeito das medidas de segurança vivenciadas no dia a dia.</p>
<p>Cuidados Pessoais</p>	<p>A higiene é parte essencial para a manutenção da saúde. No entanto em crianças, esse aspecto deve ser</p>

	observado com a orientação do adulto. Embora na idade entre 4 e 5 anos a criança seja capaz de realizar algumas ações, como lavar as mãos e a boca, ela precisa da ajuda do professor para aprimorar atitudes de higiene.
Atividades Culturais	Reconhecer algumas manifestações culturais, demonstrando interesse e respeito, buscando participação frente a elas e valorizando suas diferenças.

2.5- Trabalho de campo na educação infantil

Para viabilizar esta pesquisa sobre a importância da pré-escola no desenvolvimento da criança, estive pesquisando em espaços de educação infantil de duas escolas no Município de São Gonçalo, uma pública outra particular. Durante a pesquisa foi possível observar o cotidiano dos alunos, na realização de tarefas, bem como seu convívio com a professora e os outros companheiros da escola. Os alunos com os quais mantive a maior contato tinham entre 4 e 5 anos. Era uma turma de terceiro período do turno da tarde.

Através da experiência na escola tive a oportunidade de fazer articulação entre os referenciais teóricos e a prática cotidiana a respeito do desenvolvimento infantil. Utilizei um questionário com os profissionais e responsáveis e fiz a observação das crianças no espaço da escola. No primeiro momento, procurei conhecer os alunos através da interação e da observação nas atividades propostas pela professora da turma. Durante este período buscava associar o que tinha lido e estudado no curso de pedagogia sobre o aprendizado pré-escolar e pude, em alguns momentos, experimentar uma variedade de acontecimentos que ilustravam tais teorias. Num segundo momento propus conversar com duas professoras e uma mãe, para as quais pedi que respondessem ao questionário, pois dificilmente isso seria possível durante a aula. Com base nos dados apresentados foi possível

perceber os objetivos da educação infantil naquela escola. Aspectos como: linguagem, resolução de situações, autonomia, interação, expressividade verbal e corporal, presentes nas práticas observadas são fundamentais para estimular a espontaneidade individual. Desse ponto de vista Silva (2008), vem nos dizer que:

"O contato social que a criança estabelece na escola, amplia e intensifica sua interação com outras crianças, adultos e com objetos de conhecimento, que possibilitam diferentes modos de leitura e compreensão de mundo. Essas experiências podem ser positivas ou negativas para o pleno desenvolvimento da criança dependendo da maneira como a escola trabalha os conhecimentos e as relações necessárias para a apropriação do conhecimento." (p.128)

Verificamos por meio do questionário que as palavras de Silva (2008) se reafirmam nas respostas das professoras. Além disso, o contato com a escola ampliou minha percepção sobre a questão que fundamenta esse trabalho: quem não frequentou a pré-escola, tem seu aprendizado comprometido em algum aspecto? Prossigo então, com as análises do seguinte questionário, composto de questões semi-abertas que destacavam a relação pessoal com a pré-escola, as contribuições desta vivência para cada um quanto à socialização e desenvolvimento. O destaque apresentado no questionário referiu-se as contribuições da pré-escola para o desenvolvimento infantil. Vemos que, de acordo com De Vries e Zan, (1998):

"... As contribuições de Educação Infantil configuram um local de convivência com crianças e adultos diferentes dos familiares. Elas representam um lócus privilegiado de crescimento interpessoal e desenvolvimento da autonomia. E no interior dessas instituições que muitas crianças constroem as idéias e os sentimentos de respeito, de si mesmas, do mundo das pessoas e dos objetos. (apud DIAS, 2008 p. 31).

A partir da experiência na pesquisa com alunos e professores e também como professora da educação infantil, percebi que a presença da criança neste espaço pode contribuir para resolução das situações cotidianas que permitem a ela vivenciar novas experiências. Tenho observado o quanto temos a aprender com os nossos alunos, nos pequenos gestos, em suas falas ou simplesmente prestando atenção ao seu olhar. Muitas vezes a criança sente necessidade de compartilhar com a escola, momentos bons ou de conflitos, ocorridos no meio familiar. Por outro lado, ela também deseja compartilhar com a família situações ocorridas durante a aula, seja nas questões morais, afetivas

ou físicas. O simples fato de poder falar e ser ouvida já produz um efeito positivo, tanto na criança quanto naquele que se permite escutá-la. Sobre esse assunto, Thiago, (2007) reforça que:

"Se nossa concepção de criança acredita em seu valor como sujeito, como portador de teorias, interpretações e perguntas no processo de construção do conhecimento, é preciso que aprendamos a escutá-la, a ouvir as múltiplas linguagens que se expressam, nos gestos, nos olhares, no toque na escolha de objetos, nas tentativas de comunicação etc.; é essa linguagem que o adulto precisa exercitar para escutar, considerando a história de cada criança." (p.61).

Tenho observado também a partir da minha prática na escola, que a criança já possui uma expressividade espontânea que precisa ser estimulada de acordo com cada individualidade. Nesse contexto, as referências de pré-escola, relatadas pelas professoras da pesquisa, refletem a visão da autora citada acima.

Na visão da professora da escola particular a importância de vivenciar as práticas na pré-escola é sempre importante e significativo como ela relata a seguir:

"Foi muito importante ter participado da pré-escola nesse período. Penso, que toda criança é capaz de construir seu próprio conhecimento. Ela, por sua vez, aprende vários conceitos, pois tem contato com diferentes elementos do dia a dia. É necessário também, ressaltar que, a educação infantil é algo que se constrói na prática diária do professor e cabe aos educadores voltarem sempre aos estudos, para ampliar o conhecimento. O educando, nessa faixa etária, tem maior facilidade de aprender, e através da instituição educacional, ele adquire formação, interage e se socializa, além de trocar interesses." (Profª. J, 2010).

As experiências em relação a esta fase escolar são diversificadas. No entanto alguns relatos mostram que mesmo as pessoas que não estudaram na pré escola consideram - na uma grande contribuição significativa para o desenvolvimento. E o que nos fala a mãe de um dos alunos:

"Não tive oportunidade de participar da pré-escola e acho que isso influenciou na minha vida de alguma forma, pois sinto que tenho algumas dificuldades em certas situações que dependem da socialização e do desenvolvimento motor, teria a percepção mais crítica sobre determinados assuntos. Observo isso no comportamento do meu filho e percebo que as crianças que freqüentam a pré-escola são mais sociáveis, comunicativas e apresentam um estado emocional e intelectual mais desenvolvido." (Mãe de aluno - escola pública 2010).

Outra contribuição que marca essa perspectiva sobre a educação infantil vem expressa na fala da professora da rede particular , quando nos trás aspectos do seu desenvolvimento que, do seu ponto de vista poderiam ser mais evoluídos, se ela tivesse freqüentando a pré-escola. Assim ela relata que:

"... influenciou em meu aprendizado, em alguns aspectos fundamentais para essa fase. Um desses aspectos esta associado à interação e a socialização, vivenciadas no espaço escolar e na companhia de outras crianças. Percebia certa dificuldade em me expressar, tanto física, quanto verbalmente, além do sensório motor que no meu entendimento ficou prejudicado por não ter freqüentado a pré-escola." (Profª. L, - escola particular, 2010).

O ambiente pré-escolar é rico em expressões que ajudam a criança no desenvolvimento de suas habilidades, tanto no campo intelectual, quanto no físico e social. As informações adquiridas nos diferentes momentos de convívio com professores e outros alunos faz com que ela se perceba, em meio aos outros. Num desses momentos, notei que dos um aluno pouco interagia durante as brincadeiras, sua preferência era ficar observando os colegas ou desenhado algo, gostava de conversar e perguntar sobre minha presença na escola. Numa oportunidade, perguntei se ele gostava de estar ali, e sua resposta foi direta, disse que: "gostaria de ser professor para ensinar ao pai". Na rotina de sala de aula, ele era participativo, apesar de tímido. (aluno da escola pública, 2010).

Havia também, outro aluno que apresentava um comportamento diferente, quase não brincava, andava por todos os ambientes e preferia a atenção dos adultos. Tinha maturidade intelectual e expressividade verbal bem aprimorada para a idade, além disso, não se interessava por atividades mais simples, como assistir aos desenhos, ou participar de brincadeiras, que a maioria das crianças gosta. Esse aluno dizia que gostava de brincar de vídeo game, e boliche, e que a maioria dos filmes apresentados pela professora, já

tenham sido vistos em casa. Em ambos os casos, observamos a individualidade dos alunos ressaltada na visão de Kramer (1987), ao dizer que a criança é um ser individual com características que refletem socialmente, o que ela apreende no convívio familiar. A autora também nos fala que, independente do contexto sócio cultural de cada uma, "*a criança precisa ser educada e cuidada para tornar-se um adulto bem sucedido no futuro*" (KRAMER, 1987, P. 19).

CAPITULO III

Educação infantil e política de formação de professores

Neste capítulo faremos uma reflexão a respeito da formação do educador, tendo como foco a contribuição da educação infantil para a essa formação. Compreendemos o professor como alguém em constante aprendizado, ao que diz respeito à qualificação e apreensão de valores, adquiridos em sua prática diária. Embora, tendo experiência e formação vastas, é necessário ao educador, reconhecer a importância de atualizar os saberes que vem desenvolvendo.

Contudo, procuramos pensar essa atualização não somente limitada aos espaços do cotidiano escolar, mas, sobretudo com o propósito de que tal crescimento profissional se dê num contexto em que a presença da criança seja considerada durante todo este processo de formação. Esse ponto de vista é confirmado no pensamento de Aquino (2008), quando nos fala que a criança não deve ser vista como um indivíduo vazio de conhecimentos, ela é um sujeito com bagagem particular cheia de significados que devem ser consideradas na dinâmica do aprendizado, através do qual, tanto se ensina quanto se aprende.

3.1 Contribuições da educação infantil na política de formação de professores.

Verificamos, nos últimos anos, o crescimento da qualificação do profissional da educação infantil. A proposta se baseia no fato de que o professor desempenha importância central no espaço escolar. Por causa disso, faz-se necessária a formação mínima para atuar nessa área. De modo que *“reconhecer a necessidade de formação adequada para o professor infantil, requer ao mesmo tempo, reconhecê-lo como sujeito do conhecimento, capaz de pensar e produzir, não apenas ter conhecimento técnico sobre o assunto.”* (AQUINO, 2008, p.171.).

A exigência de formação específica para os professores da educação infantil foi estabelecida pela LDB em 1996, apesar disso, por serem ainda associados a figuras maternas a categoria é pouco reconhecida na sua perspectiva profissional no magistério. O professor de educação infantil hoje é desvalorizado em relação aos outros seguimentos de ensino, sendo assim, no entender de Aquino (2008), mesmo aqueles que não possuem formação, mas exercem atividades educativas, devem ser considerados professores, uma vez que, as experiências relacionadas ao fazer cotidiano, os tornam conhecedores de saberes que não dependem de conteúdos e métodos. Mas no parecer de Didonet (2001), a formação dos educadores da infância merece atenção devido a sua responsabilidade na mediação dos processos de ensino-aprendizagem. Para ele a qualificação específica para trabalhar com a educação de crianças de 0 a 5 anos requer conhecimento científico sobre o desenvolvimento infantil e também o exercício de reflexão sobre a prática e a capacidade de produzir aprendizagens, como forma de aprimorar as

habilidades profissionais. Dando margem a esse raciocínio Kramer (2003) reforça a importância do reconhecimento desses profissionais de sua própria identidade docente para desfazer as marcas históricas impressas em sua trajetória.

Buscamos compreender os diferentes modos de aquisição do conhecimento na criança considerando ainda a prática das brincadeiras como meio de promoção do aprendizado. O conhecimento produzido no espaço pré-escolar pode ser apresentado sob vários aspectos que tenham o foco no desenvolvimento do aprendizado, sendo eles os ensinamentos através do lúdico onde a criança aprende brincando ou jogando. De acordo com Ramos (2003) ao citar Bettlheim (1988), brincar é fundamental para estimular a intelectualidade na criança, além de ensinar hábitos e valores necessários ao seu crescimento sem que ela perceba.

No entanto, nesse processo de brincadeiras se inserem diversas abordagens que devem levar em consideração o lado cultural, individual e educacional da criança. Ramos (2003) enfatiza que durante as situações lúdicas a criança tem a oportunidade de interagir com outro e representar a realidade de acordo com sua criatividade e seus desejos.

Ramos (2003) ainda questiona sobre o preparo dos professores para lidar com a criança utilizando-se da ludicidade no processo de educar. De certa maneira pensamos a formação docente como parte de um desafio que nos impulsiona na busca pelas mudanças e no reconhecimento do papel exercido pelo professor. As mudanças ocorridas no ensino, em especial na educação infantil, trouxe também a necessidade de pensar a formação que se aproxime das demandas exigidas para a criança da pré-escola. Esta é a perspectiva de uma pedagogia voltada para a educação infantil.

De acordo com Cerisara (2004), a pré-escola não deve ser considerada uma antecipação do ensino fundamental, ela deve ter um caráter de cuidar e

educar, o que no entender da autora são fatores indissociáveis. Nesse caso o objetivo seria apresentar a criança valores e outros aspectos relacionados à vida, sem a pretensão de que nesta fase a criança absorva uma série de conteúdos que ainda não tenham sentido par ela. A autora enfatiza que embora a educação infantil faça parte da educação básica ela "*não tem como objetivo ensinar, e sim educar*". (CERISARA. 2004, p. 8) Nesse caso

Cerisara (2004) faz menção à perspectiva assistencial da educação presente nas creches e a educação escolar observada na pré-escola. Para a autora a proposta de educação infantil na década de 90, citada nos documentos oficiais, pretendia romper com essa idéia e avançar com uma proposta de atendimento nas mesmas condições dentro das instituições de ensino, visando desenvolver um trabalho pedagógico com profissionais especializados.**3.2 Brincadeiras, conhecimentos e a dimensão social**

Pensar na questão da brincadeira como parte dos recursos pedagógicos utilizados para a formação do conhecimento da criança, tem sido foco de atenção por parte de estudiosos. Para Ramos (2003), o processo de ensino aprendido na educação infantil, exige reflexão a respeito das várias implicações ao que se refere o desenvolvimento da criança. Sendo assim, podemos destacar os fatores da seguinte forma: a cultural que entende a brincadeira como expressão da cultura individual. A educacional, que visa à contribuição de jogos e brincadeiras como ponte para a aquisição do conhecimento e a melhoria da expressão física e motora. E por fim o aspecto psicológico que permite ao professor compreender melhor o desenvolvimento psíquico e a maneira de cada indivíduo demonstrar sua personalidade e suas emoções. A autora complementa este ponto de vista acrescentando também, a importância do aspecto social da brincadeira como forma de promover noções de regras, limites e ainda, o respeito quanto à

individualidade do outro. Neste sentido, um fazer pedagógico que vise assegurar o bem estar e o crescimento de crianças pequenas significa na opinião de Machado (2004), que:

"... a criança e, desde que nasce e desde que e bebe capaz de agir e interagir, de produzir cultura e ser sujeito de direitos. Além disso, as crianças na faixa etária de 0 a 5 anos, tem iniciativas espontâneas e devem ser apoiadas. Então, reconhecer que meninos e meninas tem direito de escolha, implica não somente , equipar os ambientes com diferentes tipos de brinquedos, como também aceitar as diferenças individuais." (p.8).

O lúdico faz parte da vida do indivíduo desde o momento em que ele inicia os primeiros esforços para o desenvolvimento físico. Observando que na criança pequena, as ações de jogar e apanhar brinquedos ou objetos torna-se motivo de satisfação, e mais interessante ainda é poder contar com a participação de outros companheiros nesse momento. Bettelheim (1988) acrescenta que, quando uma criança arremessa um objeto, ela quer provar a si mesma que consegue realizar algo. A partir dessas interações inicia-se o processo de desenvolvimento e aprendizado das coisas, seja no espaço escolar ou em outros ambientes. (Apud RAMOS, 2003). A criança sente necessidade de brincar então é importante que tenha ao seu alcance objetos e ambientes adequados, que lhe proporcionem a realização de suas atividades. Por isso, buscamos analisar a participação e a preparação dos professores durante o processo educativo associando, o lúdico à sua prática diária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da realização desta monografia procuramos trazer algumas contribuições sobre a relevância da pré - escola para a construção do aprendizado na criança. Para isto trouxemos as concepções acerca do histórico da infância verificadas a partir dos estudos de Áries (2006), ao qual, recorreremos para melhor compreender as questões inerentes a infância, desde a Idade Media. Mostramos que nessa época, a sociedade não demonstrava interesse pela infância, o que deixava a criança à margem da vida social. No entanto, vimos que a partir de movimentos sociais, a mesma passou a ser reconhecida como um período importante da vida humana e que por isso deveria ser respeitada e cuidada com a atenção que ela merece. Com essa mobilização, a infância passou ser vista sob outro olhar, onde a criança participava da construção social. Com base nesse ideal foram elaboradas propostas que tinham como objetivo promover, através da pré-escola, o desenvolvimento das capacidades da criança, que durante anos foram ignoradas. Vimos então, que as propostas educacionais voltadas para o desenvolvimento da criança se consolidaram no espaço da educação infantil

após o ano de 1996 e previa-se o envolvimento de profissionais capacitados, com formação adequada para esta finalidade. O profissional que atua na educação infantil tem a responsabilidade de reconhecer a importância dessa formação e de estar atento às diferentes capacidades no processo de aquisição do conhecimento. Compreendemos também, durante os estudos para este trabalho, que a necessidade de formação para os educadores da educação infantil tem sido objeto de discussão entre os especialistas interessados neste seguimento de ensino. Quanto aos participantes da pesquisa, perceberam que a educação infantil exerce uma influência muito significativa no desenvolvimento das habilidades humanas. E a partir das práticas como mães e professoras, tiveram a possibilidade de observar mais de perto esses benefícios. No contexto atual vemos que a infância tem sido representada em diversos aspectos, onde a criança vive e participa de forma efetiva na sociedade, podendo contribuir com os seus saberes para a vida social. As mudanças as quais nos referimos dizem respeito ao meio cultural, familiar e educacional. Acreditamos que nosso trabalho possa contribuir para novas pesquisas voltadas para o desenvolvimento da criança na pré-escola e para a formação de professores. Queremos ressaltar que, as contribuições trazidas com essa monografia esclareceram a importância dessa fase em nossa vida. Sabemos também que as questões abordadas nesse trabalho, não se concluem na finalização destas linhas, uma vez que, este é um caminho de infinitas possibilidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, P. **A história social da criança e da família**. Rio de Janeiro. LTC editora. 2ª ed. 2006. BARBOSA, R. L. L. (org.). **Trajetórias e perspectivas da formação de educadores**: São Paulo. Ed. UNESP, 2004. BRASIL, Ministério da Educação e Cultura, Departamento de Ensino Fundamental. Coordenação de Educação Pré-escolar: **Atendimento pré-escolar. Educação e Psicologia**. Brasília. Vol. I. 1982. CARNEIRO, M. A. B. **O currículo de educação infantil: evolução histórica**. São Paulo. Editora Criarp. *Abeducatio: a revista da educação*. Ano 4.n.30, p. 10-14, dez. 2003. CERISARA, A. B. **A pré-escola e as implicações pedagógicas do modelo histórico do modelo histórico cultural**. Campinas. Papyrus ed. Caderno CEDES, nº 35 p. 1-9. 1995. <http://www.ced.ufsc.br/~nee0a6/anabea.html> Acessado em: novembro de

2011._____. **Por uma pedagogia da educação Infantil: desafios e perspectivas para as professoras.** In BARBOSA, R.L.L. (org.). **Trajetórias e perspectivas da formação de educadores.** São Paulo. Ed. UNESP, 2004.COELHO, A. **Repensar o campo da Educação de infância.** Escola Superior de Educação de Coimbra, Portugal. n, 44 v.3, outubro, 2007.<http://www.rieoei.org/deloslectores/1869Coelho.pdf>Acessado em novembro de 2011.

DIDONET, V. **Creche: a que veio... para onde vai...** IN: **Educação Infantil: a creche, um bom começo.** Brasília. Em aberto, V. 18, n. 73, p.11-27, Julho, 2001.

Acessado em: novembro de 2011.<http://www.rbep.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/1107/1007>FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

HENRIQUES, E. M. **O debate Piaget/Vygotsky: uma contribuição para a questão do conhecimento na pré-escola.** In: GARCIA, R. L. (org). **Revisitando a pré-escola.** São Paulo. Cortez, 2006.KRAMER, S. **De que professor precisamos para a Educação infantil? Uma pergunta várias respostas.** Porto Alegre. Artmed Editora. Pátio Educação Infantil. Ano. I, n.2, p. 10-13, ago. /nov. 2003._____. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce.** Rio de Janeiro. Editora: Dois Pontos, 1987.

MACHADO, M. L. A. **Por uma pedagogia da educação infantil.** In: Pátio Educação Infantil: **Que currículo para educação infantil?** Porto Alegre. Artmed editora. Ano II, n5. Ago./Nov. 2004.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo, Martins Fontes, 1984.PIERRO, G. M; HORA, D. M; FERNANDES J. N. **Estágios.** 1 - 5. Unirio. Rio de Janeiro. Fundação Cecierj. Vol. Único, 2010.VASCONCELLOS, Vera M. R.; AQUINO, Ligia M. M. L. L.; DIAS Adelaide A. (orgs.) **PSICOLOGIA & EDUCAÇÃO INFANTIL.** Araraquara, SP. Junqueira &Marin, 2008.RAINHA, M. A. C. **Construindo caminhos para o professor da educação infantil: a afetividade na relação professor-aluno.** São Paulo, Memorial apresentado em Monografia como requisito para conclusão de Curso, 2006.<http://cutter.unicamp.br/document/?down=20841>Acessado em: novembro de 2011RAMOS, R. L. **Um estudo sobre o brincar infantil na formação de crianças de 0 a 6 anos.** Tese de Doutorado. UFBA. FAGED. Bahia, 2003.<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/3556/2775>

Acessado em nov. de 2011

SOUZA, E. Q. **A Educação Infantil e o currículo: um estudo sobre as concepções de currículo presentes nas praticas pedagógicas de professores de pré-escola.** Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, UFB, Salvador. Bahia, 2009.<http://www.bibliotecadigital.ufba.br/tde.../processaPesquisa.php?>Acessado em: novembro de 2011

THIAGO, L. P. S. **Espaço que de espaço.** In: OSTETO, L. E. **Encontros e encantamentos na educação infantil: partilhando experiências de estagio.** 6ª edição. Campinas, SP. Editora: Papyrus, 2007.UJIIE, N. T. PIETROBON, S. R. G. **O movimento a favor da infância no Brasil.** In: **Memória, História e Educação.** Cadernos do CEOM. (UNOESC), V. 28, P. 289- 300, 2008.

<http://www3.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc>; Acessado em: outubro de 2011.